

AJ 20428

Majestic abre mostra afetiva sobre o Centro de Vitória

Exposição tem fotos de momentos marcantes da região, de épocas sem aterros, com bondes e poucos prédios

Texto **ADEMAR POSSEBOM** / apossebom@reddegazeta.com.br

Falar do Centro de Vitória não é contar apenas as realizações dos líderes políticos ou dos impactos gerados pelo crescimento da economia. Uma exposição de fotos e vídeo aberta ontem mostra alguns dos acontecimentos sociais e culturais que marcaram tempos antigos da região, além de exibir cenas cotidianas que surpreendem quem só conheceu o Centro nas últimas décadas.

Estão lá registros de uma reunião dos comerciantes no começo do século passado; o primeiro prédio projetado

por uma arquiteta capixaba; a Rua Pedro Palácios com chão de areia; o primeiro prédio do Mercado da Vila Rubim; além dos bondes da Capital e outras cenas marcantes.

A exposição é a segunda atividade do Centro Cultural Majestic, inaugurado no último dia 5 no prédio onde foi aberto, em 1926, o Hotel Majestic. O prédio fica na Rua Dionísio Rosendo, na Cidade Alta, e foi reaberto com um debate sobre momentos marcantes da região. Esse debate, que contou com a participação do multimídia Milson Henriques, do empresário

Cariê Lindenberg e do economista Arlindo Villaschi, está registrado em vídeo à mostra desde ontem.

RESGATE. Segundo a presidente do Centro Educacional Brasileiro e uma das responsáveis pelo Majestic, Astrid Maria Câmara Gomes, o objetivo da exposição não é simplesmente ser mais uma mostra de fotos e vídeo sobre o centro histórico da Capital. “É um resgate mais afetivo da história do Centro, com pessoas que fizeram essas épocas”, comentou.

A exposição “Centro de Vi-

Centro de Vitória em Tempos e Temas

Mostra de fotos do Centro antigo e vídeo de debate sobre fatos marcantes. No Centro Cultural Majestic, das 9 às 17h, por cerca de 60 dias, na Rua Dionísio Rosendo, na Cidade Alta. Aberto gratuitamente. Visitas agendadas pelo telefone 3222-5984. O site é www.majestic.org.br.

tória em Tempos e Temas” faz parte do projeto História Vida - A Memória Capixaba Contada por sua Gente, que inclui debates como o do último dia 5. A exposição fica aberta, a princípio, por dois meses, gratuitamente, das 9 às 17h. As vistas são orientadas por universitários.

HISTÓRIAS VIVAS



“Difícilmente se via um carro no Centro”

ELIAS DE PAULA
Aposentado, 71 anos

“Conheci o Centro aos sete anos. Difícilmente você via um carro, que acabaram tomando o espaço dos bondes. Lembro do cais do hidroavião, quando eu corria para vê-los descer lá em Santo Antônio. Cheguei a andar de boate embaixo da atual Ponte Seca. Era tudo mais bonito.”



“Era só a Avenida Jerônimo Monteiro”

ADALTO ANTONIO SGRANCIO
Aposentado, 72 anos

“Conheci o Centro em 1952, quando comecei a vir a Vitória para ir à praia. Só havia a Avenida Jerônimo Monteiro para ir e vir. Ainda não havia o aterro do porto. Para chegar à cidade, só havia as Cinco Pontes, e havia engarrafamento até Jardim América. Isso mudou para melhor.”



Aterros

Baía antes da Beira-Mar

Os aterros mudaram a cara de Vitória. O Centro foi a primeira região a tê-los, e isso permitiu, por exemplo, a criação de uma via fundamental para cruzar a cidade: a Avenida Beira-Mar. A foto antiga, que mostra curva do Clube Saldanha da Gama em primeiro plano, expõe também como era a Baía de Vitória. Outra evidência da mudança que os aterros provocaram é um material promocional do Hotel Majestic, divulgado como “de frente para o mar”, apesar da construção hoje estar antes da Avenida Jerônimo Monteiro.

A HISTÓRIA DO MAJESTIC

■ O Majestic foi o primeiro hotel de luxo de Vitória. Nele foi instalado o primeiro elevador do Estado. Foi aberto em 17 de outubro de 1926, pelo presidente Florentino Avidos, para sediar o VIII Congresso Brasileiro de Geografia, que teve como presidente de honra o Marechal Cândido Rondon.

■ O prédio foi projetado pelo

arquiteto tcheco Josef Pitlik e construído por Luiz Serafim Derenzi, engenheiro nascido em Vitória em 1898.

■ Entre 1966 e 1990, abrigou o Colégio Brasileiro de Vitória, que foi para a Reta da Penha. O prédio foi alugado até 1996, quando foi fechado.

■ Até 1966, abrigou o espaço

cultural onde funcionou o Teatro de Arena, do Grupo Geração, que simbolizou a resistência ao regime militar com espetáculos como “Arena Conta Zumbi” e “Juventude de Raiva e Muito Amor”.

■ Agora, o prédio é reaberto, após obras e restauração, com recursos da Lei Rubem Braga.



Extintos

Escadaria da Catedral no lugar de sobrados

A atual escadaria da Catedral Metropolitana, na Rua Dionísio Rosendo (rua do Majestic), foi construída onde antes ficaram três casas antigas. E a frente da igreja matriz não tinha a fachada, apesar de já estar construído uma parte do telhado atual. A fotografia também mostra uma lateral do então Hotel Majestic, que foi reaberto neste mês como Centro Cultural Majestic. A antiga Ladeira da Matriz virou Ladeira Cerqueira Lima, fechada para o trânsito de veículos para ser usada - estilizada - só para a passagem dos pedestres.



Fim da linha

Bonde substituído pelos automóveis

Uma das fotos em que ficam mais evidentes as mudanças por que passou o Centro é um registro da Avenida Jerônimo Monteiro, no período em que os bondes ainda dominavam o transporte na Capital. Eles foram usados na cidade entre 1911 e 1953. Quem passa hoje pela avenida - que não é mais a única via para cruzar o Centro, devido ao aterro da região onde hoje fica a Princesa Isabel - precisa se acostumar com os engarrafamentos do trânsito numeroso de automóveis e ônibus. Outra foto mostra as linhas dos bondes ao lado da atual Fafi, numa época em que os prédios ainda quase não existiam. FOTOS: DIVULGAÇÃO E CARLOS ALBERTO DA SILVA